



RTEP
REVISTA ISSN: 2316-1493
TURISMO
ESTUDOS & PRÁTICAS

**A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE NOS PERIÓDICOS
BRASILEIROS DE TURISMO (1990-2018): DESCRIÇÃO E
ANÁLISE DA AUTORIA, ESTRUTURA INTELECTUAL E IMPACTO**

*THE ISSUE OF SUSTAINABILITY IN BRAZILIAN TOURISM JOURNALS (1990-2018):
DESCRIPTION AND ANALYSIS OF AUTHORSHIP, INTELLECTUAL STRUCTURE AND
IMPACT*

André Fontan Köhler¹

Luciano Antonio Digiampietri²

RESUMO: Estuda-se o conjunto de 3.887 artigos publicados em 16 periódicos brasileiros de turismo (1990-2018). Por meio de suas palavras-chave, é descrita e avaliada sua trajetória, com a formação de cinco agrupamentos. Objetiva-se descrever a trajetória do agrupamento de sustentabilidade, por meio de suas palavras-chave e ligações com outros agrupamentos. Busca-se, também, descrever e avaliar sua autoria, impacto e estrutura intelectual. Trata-se de um estudo bibliométrico e de análise de redes sociais, o qual utilizou, para a construção dos agrupamentos e redes de autoria e referências, o método de acoplamento bibliográfico. Privilegiou-se a análise qualitativa dos dados gerados, ao invés de se recorrer a uma miríade de métricas quantitativas. O agrupamento de sustentabilidade é claramente delimitado, com palavras-chave que orbitam em torno de “sustentabilidade”, “turismo rural” e “políticas públicas”. A autoria é fragmentada – não há um autor nem sequer uma instituição que responde por alto número de artigos. O agrupamento não apresenta uma estrutura intelectual particular e bem definida, para além de elementos proeminentes no campo de turismo no Brasil. É o agrupamento com mais alto impacto, com média de citações por artigo superior à do campo. Os resultados atestam o crescimento dos periódicos brasileiros de turismo; o agrupamento de sustentabilidade ocupa espaço central na rede de palavras-chave, tendo a mais alta média de citações por artigo dentre os cinco agrupamentos (1990-2018). Contudo, não apresenta, ainda,

¹ Doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Docente do Curso de Bacharelado em Lazer e Turismo e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, ambos da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). E-mail: afontan@usp.br

² Doutorado em Ciência da Computação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Curso de Bacharelado em Sistemas de Informação e do Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Informação, ambos da EACH-USP. E-mail: digiampietri@usp.br



estrutura intelectual bem-definida, com a predominância de textos didáticos e/ou introdutórios em suas referências. **Palavras-chave:** sustentabilidade; bibliometria; autoria; referências bibliográficas; impacto.

ABSTRACT: We study the set of 3,887 articles published in 16 Brazilian tourism journals (1990-2018). With the use of its keywords, we describe and evaluate its trajectory, with the creation of five clusters. We aim to describe the trajectory of the sustainability cluster, by means of its keywords and links with other clusters. We also seek to describe and assess its authorship, impact and intellectual structure. We used bibliometric and social network analysis, with bibliographic coupling for the construction of clusters – keywords, authorship and references. We favored the qualitative analysis of the results (tables and networks), rather than the presentation of a myriad of quantitative metrics. The sustainability cluster is clearly delimited, formed by keywords that orbit around “sustainability”, “rural tourism” and “public policies”. Authorship is fragmented – there is not an author neither an institution that accounts for a high number of articles. The cluster does not have a particular and well-defined intellectual structure, besides the presence of authors, institutions and journals that are prominent in the Brazilian field of tourism. It is the cluster with the highest impact, with a higher average of citations per article than the field. The results show the growth of the Brazilian tourism journals; the sustainability cluster is central in the keyword network, and has the highest average of citations per article among the five clusters (1990-2018). However, it still does not have a well-defined intellectual structure, showing the prominence of didactic and/or introductory texts in its references. **Keywords:** sustainability; bibliometrics; authorship; references; impact.

INTRODUÇÃO

Tribe (1997) aponta que as discussões e discordâncias acerca da epistemologia do turismo – e se o turismo constitui-se em uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento – revela um campo que é, ainda, relativamente jovem e com falta potencial de credibilidade intelectual.

O autor opta por definir o turismo como a soma de dois campos de conhecimento. O primeiro é o campo de estudos de negócios turísticos (*tourism business studies*), o qual se ocupa do turismo como mercado (oferta e demanda) e negócio. O segundo é o campo de estudos turísticos para além de seus negócios (*non-business tourism studies*), o qual é composto pela pesquisa que não se enquadra no primeiro campo. Admite-se que o turismo pode ser estudado por meio das bases teóricas, conceituais e metodológicas de uma série de ciências, disciplinas e campos de conhecimento, isoladamente ou em conjunto. Isso faz com que os supracitados campos sejam marcados por estudos multidisciplinares, interdisciplinares, interdisciplinares voltados a negócios e extradisciplinares (Tribe, 1997, 2010).

A descrição do turismo como um campo de conhecimento aberto a contribuições de várias ciências, disciplinas e campos é reforçada por Benckendorff e Zehrer (2013), os quais apontam que não há paradigmas dominantes no estudo do turismo, dado que ele é, essencialmente, um campo de conhecimento fragmentado e interdisciplinar, o qual não conta com uma abordagem teórica unificada.

Os docentes e pesquisadores exercem, simultaneamente, três papéis no processo de comunicação científica – produtores, disseminadores e usuários do conhecimento científico (Miranda & Rejowski, 2013). O periódico cumpre três funções, a saber: a) produzir, disseminar e trocar conhecimento científico; b) prover um meio para a



avaliação e classificação da pesquisa científica, e, conseqüentemente, orientar a alocação de fundos para a educação e a pesquisa; e c) fornecer bases objetivas para a contratação, remuneração e promoção de docentes e pesquisadores, assim como para classificar o desempenho de indivíduos, cursos e departamentos, instituições e até mesmo países (Hall, 2011; Koc & Boz, 2014; Weiner, 2001).

Dentre as várias formas existentes para se avaliar a pesquisa em turismo, McKercher (2005) defende que o elemento mais importante é a publicação de artigos em periódicos que adotam o sistema de dupla avaliação cega (*double blind review*) por pares. Segundo ele, a pesquisa publicada em um periódico com esse sistema de avaliação adquire o status de conhecimento “certificado”, e tem mais valor do que a publicada em outros tipos de produção científica (por exemplo, livros), *ceteris paribus*.

A bibliometria e a análise de redes têm sido usadas, crescentemente, para mapear a estrutura social e intelectual de uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento, bem como sua trajetória (Koseoglu, Rahimi, Okumus, & Liu, 2016). O exame sistemático de um conjunto de publicações permite:

[...] acompanhar a evolução de uma disciplina, identificar novas tendências e desenvolvimentos, apontar lacunas no conhecimento e em áreas de inconsistência em resultados de pesquisa, sugerir direções para pesquisas futuras, e, de modo geral, prover uma visão geral e atualizada do campo. (Kirilenko & Stepchenkova, 2018, p. 1, tradução nossa).

O presente artigo traz uma análise bibliométrica e de redes sociais do campo de turismo no Brasil, tomando-o como o conjunto de artigos publicados em 16 periódicos brasileiros de turismo. Por meio das palavras-chave de cada artigo, é descrita e avaliada a trajetória desse campo, no período 1990-2018, assim como se aprofunda a análise no agrupamento centrado na palavra-chave “sustentabilidade”.

O objeto de estudo do presente artigo é o conjunto de artigos publicados em 16 periódicos brasileiros de turismo, de 1990 a 2018. Segue-se o padrão adotado para esse tipo de estudo no campo de turismo, a saber: foram contemplados, apenas, os artigos completos, com o descarte de editoriais, resenhas, entrevistas e todo o restante (Benckendorff & Zehrer, 2013; Strandberg, Nath, Hemmatdar, & Jahwash, 2018; Racherla & Hu, 2010; Jogaratnam, Chon, McCleary, Mena, & Yoo, 2005; Zhao & Ritchie, 2007).

Ao contemplar um amplo conjunto de revistas científicas (16), o presente artigo consegue superar algo que é visto, na literatura, como um limitante a estudos bibliométricos e de análise de redes sociais, a saber: a restrição, como objeto de estudo, aos principais periódicos da ciência, disciplina ou campo de conhecimento em questão (Ye, Li, & Law, 2013; Koc & Boz, 2014; Kirilenko & Stepchenkova, 2018). Isso segue a recomendação de vários autores atuantes no campo de turismo, notadamente Jamal, Smith e Watson (2008), McKercher (2005), McKercher, Law e Lam (2006) e Benckendorff e Zehrer (2013), para os quais a pesquisa não pode ficar restrita a uma pequena parcela do campo de conhecimento.

Para a seleção de periódicos, foram aplicados quatro requisitos. O primeiro é ser um periódico brasileiro, com o sistema de dupla avaliação cega (*double blind review*) por pares para a publicação de artigos. O segundo é ser um periódico de turismo, sem contemplar outra ciência, disciplina ou campo de conhecimento, mesmo que correlato, a exemplo de hospitalidade. O terceiro era estar classificado, em fevereiro de 2019, no Qualis Periódicos, Área Administração Pública e de Empresas, Ciências Contábeis e



Turismo, com, pelo menos, B5 nas classificações de periódicos (quadriênio 2013-2016). Por fim, em março de 2017, a revista científica precisava estar ativa.

Com a aplicação desses quatro requisitos, 16 periódicos brasileiros de turismo foram selecionados, a saber: a) Anais Brasileiros de Estudos Turísticos (ABET); b) Applied Tourism (AT); c) Caderno de Estudos e Pesquisas do Turismo (CEPT); d) CULTUR – Revista de Cultura e Turismo (CULTUR); e) Caderno Virtual de Turismo (CVT); f) Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo (RAOIT); g) Revista Brasileira de Ecoturismo (RBE); h) Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo (RBPT); i) Revista Iberoamericana de Turismo (RITUR); j) Revista Latino-Americana de Turismologia (RLAT); k) Revista Rosa dos Ventos (RRV); l) Revista de Turismo Contemporâneo (RTC); m) Revista Turismo: Estudos e Práticas (RTEP); n) Revista Turismo – Visão e Ação (RTVA); o) Turismo em Análise (TA); e p) Turismo e Sociedade (TS).

O presente artigo tem dois objetivos gerais. Primeiro, objetiva-se descrever e analisar a trajetória do agrupamento de sustentabilidade, no período 1990-2018, por meio de suas palavras-chave e de suas eventuais ligações com outros agrupamentos. Utilizam-se, para isso, três períodos de tempo construídos de forma cumulativa – 1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018. Para a construção e a delimitação dos agrupamentos, foram utilizadas apenas as palavras-chave dos artigos.

Segundo, tomando-se como base o período 1990-2018, foi feita uma descrição, análise e avaliação do agrupamento de sustentabilidade, composto também por “turismo rural”, “políticas públicas”, “desenvolvimento local”, “planejamento”, “desenvolvimento”, “planejamento turístico”, “meios de hospedagem”, “desenvolvimento turístico”, “gestão ambiental”, “desenvolvimento regional”, “indicadores” e “agroturismo”. Isso contempla o seguinte: a) autoria: quais são os principais autores e instituições responsáveis pela produção de artigos, e o que isso representa?; b) unidades da federação e países: levando-se em conta a sede das instituições, verificar a produção de artigos entre as unidades da federação e entre o Brasil e países estrangeiros; c) periódicos brasileiros de turismo: em quais deles a produção está mais concentrada, e qual é o porquê disso?; d) impacto: de modo geral, como está o desempenho do agrupamento de sustentabilidade, em relação aos 3.887 artigos publicados nos 16 periódicos brasileiros de turismo? Dentre os artigos com mais alto impacto, quais deles pertencem a esse agrupamento? e e) estrutura intelectual: tendo como base as referências bibliográficas dos artigos, verificar quais são os principais autores, obras e periódicos que formam a estrutura intelectual do agrupamento.

Para os dois objetivos gerais, cumpre destacar e comentar não apenas as presenças e as relações existentes, mas também as lacunas e os silêncios. Cumpre, dessa forma, questionar, sempre que possível, quais resultados eram esperados para o agrupamento de sustentabilidade, mas que não apareceram na pesquisa.

Justifica-se o presente artigo por meio de três pontos. Primeiro, é patente a ausência da produção científica de países em desenvolvimento e/ou cientificamente periféricos das principais bases de dados internacionais, o que impede sua pesquisa e, conseqüentemente, sua descrição e análise (Leta & Lewison, 2003). Isso ocorre, pois a produção científica concentra-se em periódicos nacionais e regionais, e publicações feitas nos idiomas português e espanhol não costumam receber muita atenção internacional (Moreno-Gil, Parra-López, Picazo-Peral, & Díaz-Domínguez, 2020). Tribe (2010) chama a atenção para o fato de o não conhecimento do idioma inglês ser um sério limitante para um pesquisador ser reconhecido fora de seu país de origem.



Segundo, os estudos bibliométricos e de análise de redes permitem o reconhecimento do turismo como um sistema de construção de conhecimento e como um campo de conhecimento estruturado, assim como seus principais autores e instituições e sua estrutura social, conceitual e intelectual (Zhao & Ritchie, 2007; Benckendorff & Zehrer, 2013).

Por fim, os estudos bibliométricos e de análise de redes permitem a identificação de temas e agendas de pesquisa ascendentes e descendentes, bem como lacunas na pesquisa e a eventual existência de ausências e inconsistências na ciência, disciplina ou campo de conhecimento (Koseoglu *et al.*, 2016; Kirilenko & Stepchenkova, 2018). No presente artigo, o foco disso é no agrupamento centrado na palavra-chave “sustentabilidade”, que, dentre os cinco existentes no campo de turismo no Brasil, é o com mais alto número de artigos.

REVISÃO DE LITERATURA

A bibliometria é o estudo quantitativo da produção/publicação, sejam suas palavras-chave, autores ou referências bibliográficas. Por meio da matemática e da estatística, a bibliometria é capaz de coletar, organizar, classificar e avaliar (quantitativamente) a produção de uma ciência, disciplina ou campo de conhecimento.

A análise de redes sociais não se constitui em uma teoria. Trata-se de um conjunto de técnicas e métodos para a análise e avaliação de estruturas sociais e intelectuais de uma disciplina, ciência ou campo (Otte & Rousseau, 2002). O foco da análise de redes não é as características dos elementos individuais, mas sim as relações que eles estabelecem entre si.

A análise de redes permite a verificação da estrutura social, conceitual e intelectual de uma ciência, disciplina ou campo, o surgimento, consolidação e declínio de temas, metodologias e teorias, o padrão de coautorias e outros pontos mais (Benckendorff, 2009; Benckendorff & Zehrer, 2013).

Desde pelo menos os anos 1990, tem havido um crescimento substancial do estudo sobre a sustentabilidade, tanto de forma geral quanto no campo de turismo (Garrigos-Simon, Narangajavana-Kaosiri, & Lengua-Lengua, 2018). No segundo caso, a literatura utiliza os termos “turismo sustentável” e “desenvolvimento turístico sustentável”. As definições de “sustentabilidade”, de “turismo sustentável” e de “desenvolvimento turístico sustentável” são amplas; Garrigos-Simon *et al.* (2018) apontam que há já mais de 300 definições do primeiro termo, ao passo que Garrod e Fyall (1998) apresentam oito definições de turismo sustentável presentes na literatura do campo de turismo, já nos anos 1990.

Garrigos-Simon *et al.* (2018) fazem uma análise bibliométrica do turismo sustentável, com ênfase em trabalhos que abordam sua relação com renda e emprego. Os autores apontam o vertiginoso crescimento do número de artigos que abordam a sustentabilidade, de modo geral, e sua aplicação no campo de turismo, por meio do turismo sustentável. Eles sustentam que o turismo sustentável é um termo já maduro no campo de turismo, dado que há crescente predominância de artigos empíricos.

Segundo Garrigos-Simon *et al.* (2018), os estudos acerca do turismo sustentável ligados à renda e emprego tiveram um “crescimento explosivo”, nas últimas décadas, assim como aqueles ligados ao marketing. Por outro lado, os autores verificam que há escassez de trabalhos de turismo sustentável que abordam pontos como, por exemplo, empreendedorismo, ética e mídias sociais.



METODOLOGIA DE PESQUISA

O presente artigo resulta de um projeto de pesquisa sobre o campo de turismo no Brasil (1990-2018), o qual objetiva descrever, analisar e avaliar sua autoria, estrutura intelectual e impacto.

Os procedimentos metodológicos podem ser divididos em seis partes, a saber: a) coleta de dados; b) verificação e desambiguação de nomes; c) construção e delimitação de agrupamentos (palavras-chave); d) cálculo de índices e de métricas e montagem de *rankings*; e) construção de redes sociais – autoria e referências bibliográficas (autores, obras e revistas científicas); e f) análise qualitativa dos dados, *rankings* e grafos criados.

A coleta de dados foi feita, inteiramente, de forma manual, para a autoria, palavras-chave e referências bibliográficas, tendo como fonte o arquivo (.pdf) dos 3.887 artigos integrantes do objeto de estudo. Para as citações, utilizou-se o Google Acadêmico, cuja coleta foi feita, também, manualmente.

No caso das referências bibliográficas, cada entrada foi classificada, manualmente, em uma das seguintes categorias: a) Artigo de periódico (campo de turismo); b) Artigo de periódico (outros); c) Livro; d) Capítulo de livro; e) Monografia (mestrado/doutorado); f) Comunicação – artigo completo publicado em anais de evento técnico-científico; e g) Outros.

A coleta de citações foi feita por meio do Google Acadêmico, ferramenta cujo uso tem sido defendido por vários autores ativos no campo de turismo, como, por exemplo, Jamal *et al.* (2008), McKercher (2008), Hall (2011), Law, Ye, Chen e Leung (2009) e Strandberg *et al.* (2018). O Google Acadêmico tem sido muito utilizado no campo de turismo, inclusive devido ao fato de a maioria dos periódicos de turismo não fazer parte de índices de impacto (Law & Veen, 2008; Hall, 2011; Koseoglu *et al.*, 2016). Outra vantagem do Google Acadêmico é que a ferramenta disponibiliza todas as citações recebidas, e não apenas as feitas por artigos de periódicos indexados.

Para toda e qualquer citação, todos os trabalhos que citam, pelo menos, um dos 3.887 artigos analisados foram consultados, por meio de seu documento original (sempre que possível), para a aplicação de três filtros, a saber: a) autocitação: há, pelo menos, um autor em comum entre o trabalho citado e aquele que o cita; b) erro: não há um documento constante no Google Acadêmico, ou, caso ele exista, o mesmo não cita o artigo em questão; e c) redundância: o mesmo documento aparece mais de uma vez na lista de citações. As citações foram classificadas, manualmente, em sete categorias, as mesmas usadas para a classificação das referências bibliográficas.

A verificação em si e a desambiguação de nomes permitiu aumentar a credibilidade dos dados coletados, particularmente na autoria. Ao longo dos anos, há mudanças significativas na forma como o nome de determinados autores aparece em seus artigos publicados. No caso específico de mulheres, não é incomum ocorrer adições e supressões de sobrenomes, derivados de casamentos e divórcios. Em alguns casos, recorreu-se ao currículo Lattes da pesquisadora, para fins de desambiguação de nomes.

No presente artigo, o processo de construção dos agrupamentos de palavras-chave corresponde a uma adaptação do método proposto por Grauwin e Jensen (2011) para agrupamento de artigos. Este agrupamento é baseado nas referências bibliográficas dos artigos, por meio da medida de similaridade de acoplamento bibliográfico (*bibliographic coupling*) (Kessler, 1963). O acoplamento bibliográfico utiliza o número de referências compartilhadas por dois trabalhos como uma medida de similaridade de conteúdo entre eles (Koseoglu *et al.*, 2016).



A adaptação utilizada no presente trabalho assume que artigos que compartilham palavras-chave possuem temática semelhante, como é amplamente tomado na literatura: “A análise de coocorrência de palavras-chave produz uma rede de temas e suas inter-relações, os quais representam o espaço conceitual de um campo [de conhecimento] (Cancino, Merigó, Coronado, Dessouky, & Dessouky, 2017; Martínez-López, Merigó, Valenzuela, & Nicolás, 2018)” (Mulet-Forteza, Genovart-Balaguer, Mauleon-Mendez, & Merigó, 2019, p. 824, tradução nossa).

Para a construção e delimitação dos agrupamentos (1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018), foram extirpadas as palavras-chave “turismo” e “Brasil” da base de dados, já que elas têm muito baixo poder descritivo, pois se estuda o campo de turismo no Brasil. As palavras-chave com baixa frequência e coocorrências pouco relevantes (baixo valor) foram desconsideradas na análise, por terem, também, baixo poder descritivo – são pouco importantes para a delimitação dos agrupamentos e para o entendimento dos principais temas e tópicos de pesquisa do campo de turismo no Brasil. Foram construídos grafos (redes) de palavras-chave, nos quais cada uma delas corresponde a um nó, e as coocorrências de palavras-chave correspondem às arestas. Para a inclusão nos grafos e tabelas do presente artigo, os pontos de corte das palavras-chave foram os seguintes: a) 1990-1999: frequência igual a três (nó) e/ou presente em, pelo menos, uma coocorrência de valor igual e dois (aresta); b) 1990-2009: nó igual a cinco e/ou aresta igual a três; e c) 1990-2018: nó igual a 20 e/ou aresta igual a cinco.

Para cada agrupamento formado, foram selecionados os artigos que cumprem, pelo menos, uma das seguintes condições: a) ter a palavra-chave com mais alta frequência do agrupamento; e b) ter, pelo menos, duas palavras-chave do agrupamento; ou seja, estar presente em uma de suas coocorrências (arestas).

Em virtude de o agrupamento de sustentabilidade ter, apenas, 213 artigos, optou-se por privilegiar a análise qualitativa dos grafos e das tabelas criados, ao invés de se calcular uma série de métricas quantitativas, a exemplo das várias medidas de centralidade. Essa tem sido a tônica de estudos bibliométricos e de análise de redes sociais no campo de turismo, inclusive daqueles que tomam, como objeto de estudo, os principais periódicos internacionais, caso de Benckendorff e Zehrer (2013).

Para medir a produção dos agrupamentos, a frequência das palavras-chave e as referências bibliográficas, foi utilizada, sempre, a contagem simples, com a atribuição de um ponto por artigo, sem considerar, por exemplo, o número de autores que assinam o trabalho.

No caso das citações (impacto), a contagem simples e a construção de *rankings* foram complementadas pelo cálculo da média, mediana e desvio-padrão para as citações feitas aos artigos de cada agrupamento e do conjunto de 16 periódicos brasileiros de turismo. Trabalhou-se, apenas, com as citações reais, as quais são iguais às citações nominais subtraídas de autocitações, erros e redundâncias.

Para fins de análise, foram construídos os seguintes grafos (redes), a saber: a) palavras-chave; b) referências bibliográficas – autores; c) referências bibliográficas – obras; e d) referências bibliográficas – revistas científicas.

A literatura não indica pontos de corte para a análise de redes sociais, de aplicação universal. Desse modo, a definição ficou por conta dos autores do presente artigo, considerando os dados dos cinco agrupamentos. As redes de autores, obras e revistas científicas (referências bibliográficas) ficaram com os seguintes pontos de corte: a) frequência mínima de 10%, com arredondamento para baixo (21 de 213 artigos); e/ou b) aresta com, no mínimo, 5% dos artigos, com arredondamento para baixo (10 de 213 artigos).



Para a construção das redes – e, conseqüentemente, dos grafos –, foram utilizadas ferramentas computacionais desenvolvidas pelos autores do presente artigo. Para cada rede, os nós representam os indivíduos (palavras-chave, autores, obras ou revistas científicas), e as arestas correspondem aos relacionamentos entre indivíduos (por exemplo, duas obras referenciadas por um mesmo trabalho ou duas palavras-chave presentes em determinado artigo). A visualização gráfica das redes foi produzida, também, por meio de ferramenta própria desenvolvida pelos autores, a qual utiliza um algoritmo do tipo *force-directed* que, iterativamente, tenta afastar todos os nós uns dos outros, ao passo que tenta aproximar indivíduos que compartilham uma aresta.

As métricas extraídas de cada agrupamento ou rede foram calculadas com a utilização de ferramentas próprias desenvolvidas pelos autores e organizadas em planilhas eletrônicas.

Dentro da análise qualitativa dos resultados gerados (tabelas e grafos), foram tomados alguns procedimentos específicos. No caso dos autores (autoria e estrutura intelectual), entrou-se no currículo Lattes de cada um deles, com foco em sua formação acadêmica e produção científica. Para as obras (estrutura intelectual), foi feita uma leitura transversal para as que eram, até então, desconhecidas dos autores do presente artigo. Por fim, todas as revistas científicas com destaque na estrutura intelectual do agrupamento de sustentabilidade eram já de conhecimento prévio.

Por fim, para todos os artigos dos cinco agrupamentos gerados, foi feita a classificação em estudos de negócios turísticos e em estudos turísticos para além de seus negócios, segundo Tribe (1997, 2010). Contudo, Tribe (1997, 2010) não fornece parâmetros para tal classificação. Logo, ela foi feita a critério dos autores do presente artigo, com certo grau de subjetividade.

RESULTADOS

No período 1990-2018, os 16 periódicos brasileiros de turismo publicaram 3.887 artigos, os quais, em conjunto, apresentam 108.595 referências bibliográficas, das quais 69.022 únicas, e foram citados 10.882 vezes por outros trabalhos. A Tabela 1 traz os dados básicos do objeto de estudo, divididos para os períodos 1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018:

	Período 1990-1999		Período 1990-2009		Período 1990-2018	
	Total	%	Total	%	Total	%
Artigos	181		957		3.887	
Autoria						
Autores únicos	165		1.166		4.915	
Instituições únicas	67		347		1.012	
Unidades da federação únicas	12		22		26	
Países únicos	8		21		46	
Palavras-Chave						
Palavras-Chave	820		3.595		15.269	
Palavras-Chave únicas	575		1.930		6.047	
Artigos sem palavras-chave	5	2,76%	58	6,06%	74	1,90%
Impacto/Citações						
Citações reais totais	984		5.642		10.882	
Média de citações por artigo	5,44		5,90		2,80	
Mediana de citações por artigo	2		3		1	
Artigos sem nenhuma citação	50	27,62%	190	3,37%	1.638	15,05%
Citações reais totais (por tipo)						
Artigo de periódico (campo de turismo)	187	19,00%	1.333	23,63%	3.033	27,87%
Artigo de periódico (outros)	136	13,82%	1.026	18,19%	2.115	19,44%
Livro	40	4,07%	74	1,31%	114	1,05%
Capítulo de livro	16	1,63%	100	1,77%	210	1,93%
Monografia (mestrado/doutorado)	397	40,35%	1.890	33,50%	3.184	29,26%
Comunicação - art. completo anais evento	133	13,52%	783	13,88%	1.383	12,71%
Outros	75	7,62%	431	7,64%	835	7,67%
Referências bibliográficas						
Número de entradas	1.791		17.856		108.595	
Referências bibliográficas únicas	1.621		13.191		69.022	
Média de ref. bib. por artigo	9,90		18,66		27,94	
Mediana de ref. bib por artigo	7		16		25	
Referências bibliográficas (por tipo)						
Artigo de periódico (campo de turismo)	142	7,93%	1.275	7,14%	13.394	12,33%
Artigo de periódico (outros)	154	8,60%	2.232	12,50%	19.583	18,03%
Livro	694	38,75%	7.658	42,89%	36.576	33,68%
Capítulo de livro	105	5,86%	1.750	9,80%	9.589	8,83%
Monografia (mestrado/doutorado)	63	3,52%	761	4,26%	4.733	4,36%
Comunicação - art. completo anais evento	70	3,91%	771	4,32%	4.521	4,16%
Outros	563	31,43%	3.409	19,09%	20.199	18,60%

Tabela 1: Periódicos brasileiros de turismo – dados básicos (1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018)
 Fonte: Elaborado pelos autores

Os gráficos 1, 2 e 3 trazem os agrupamentos do campo de turismo no Brasil para os períodos 1990-1999, 1990-2009 e 1990-2018, respectivamente. O tamanho dos nós representa a quantidade de artigos, ao passo que a grossura das arestas indica a quantidade de artigos que têm, conjuntamente, as duas palavras-chave em questão.

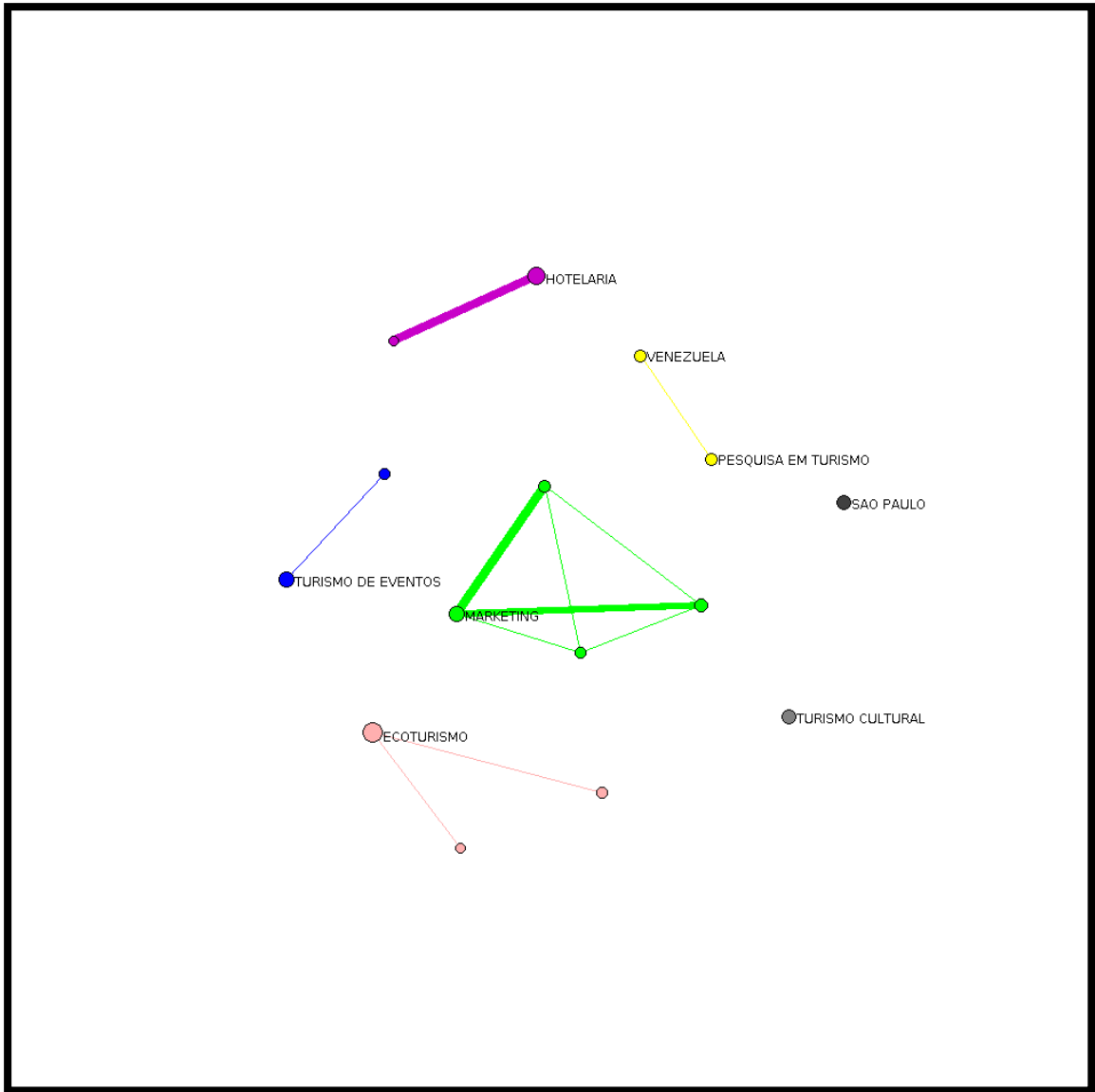


Gráfico 1: Periódicos brasileiros de turismo – agrupamentos (1990-1999)
Fonte: Elaborado pelos autores

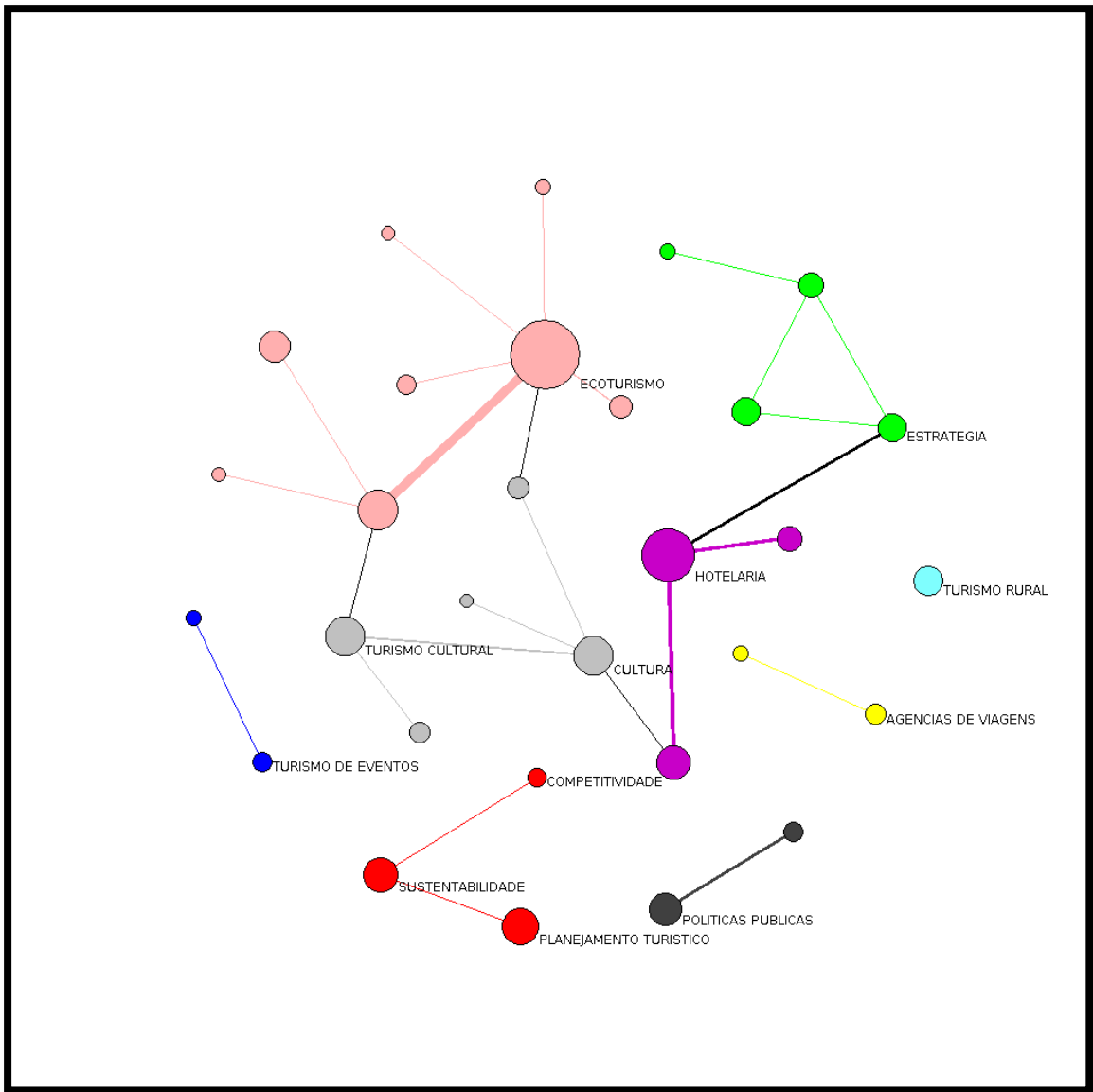


Gráfico 2: Periódicos brasileiros de turismo – agrupamentos (1990-2009)
Fonte: Elaborado pelos autores

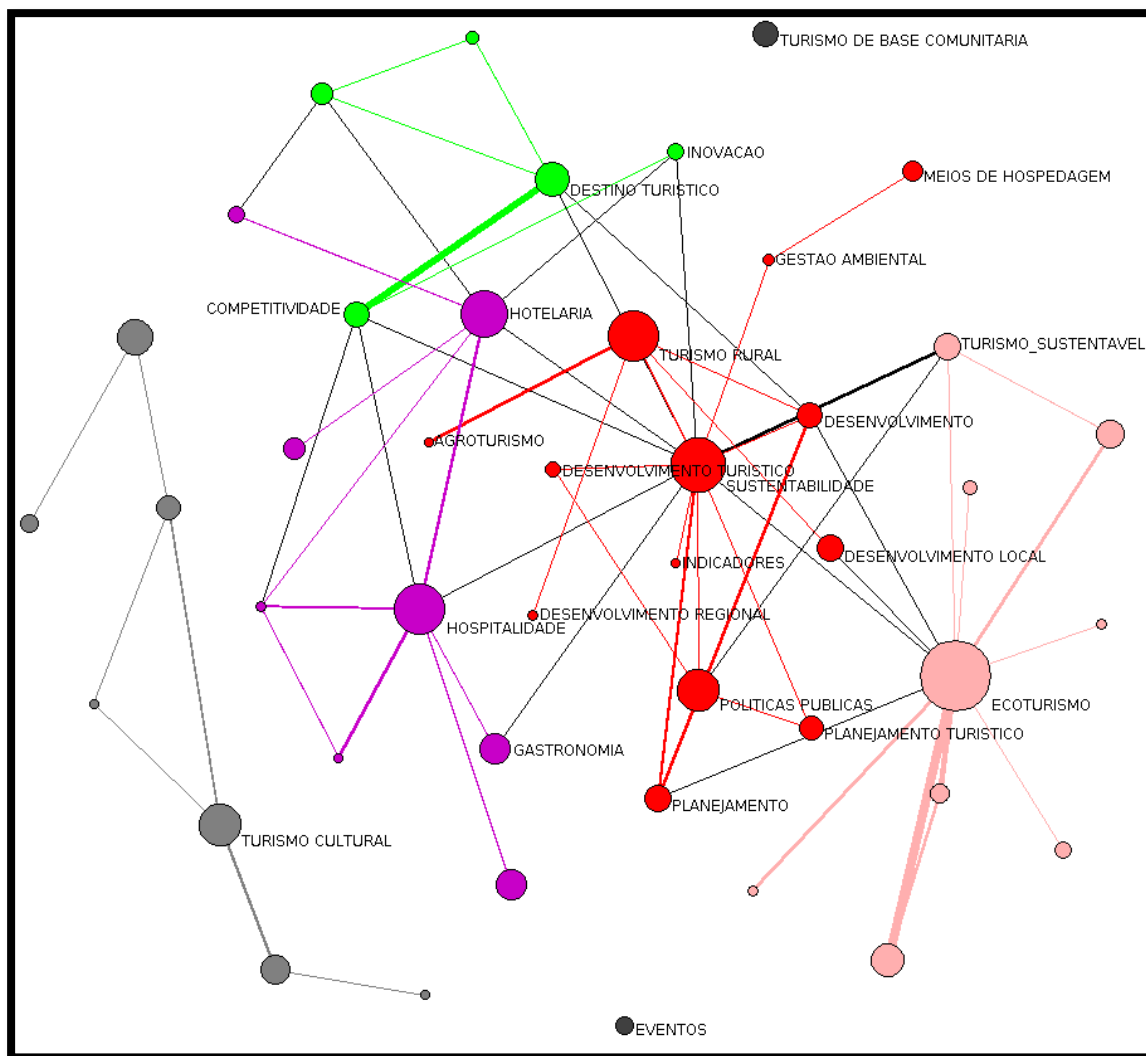


Gráfico 3: Periódicos brasileiros de turismo – agrupamentos (1990-2018)
Fonte: Elaborado pelos autores

Para cada agrupamento, manteve-se, sempre que possível, o padrão de cores, ao longo dos períodos, para fins de visualização. Foram apresentados os rótulos apenas da palavra-chave com mais alta frequência em cada um deles. Há duas exceções, a saber: a) as palavras-chave do agrupamento de sustentabilidade, objeto do presente artigo; e b) as palavras-chave de outros agrupamentos ligadas ao de sustentabilidade, por meio de aresta(s) externa(s). As arestas externas (entre palavras-chave de agrupamentos diferentes) têm cor preta. Por fim, foram colocadas palavras-chave isoladas apenas com alta frequência.

A Tabela 2 traz uma série de dados básicos para cada agrupamento (1990-2018). Isso permite a análise do agrupamento de sustentabilidade, em perspectiva comparada:



	Turismo Cultural		Ecoturismo		Destino Turístico		Hospitalidade		Sustentabilidade		Universo de artigos	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Artigos	139		208		98		157		213		3.887	
Autoria												
Autores únicos	219		438		170		240		433		4.915	
Instituições únicas	98		145		77		91		165		1.012	
Unidades da federação únicas	24		24		17		21		23		26	
Países únicos	11		11		9		10		14		46	
Impacto/Citações												
Citações reais totais	366		661		323		395		746		10.882	
Média de citações por artigo	2,63		3,18		3,30		2,52		3,50		2,80	
Mediana de citações por artigo	1		2		1		1		1		1	
Artigos sem nenhuma citação	63	45,32%	65	31,25%	39	39,80%	72	45,86%	95	44,60%	1.638	42,14%
Citações reais totais (por tipo)												
Artigo de periódico (campo de turismo)	79	21,58%	185	27,99%	112	34,67%	134	33,92%	216	28,95%	3.033	27,87%
Artigo de periódico (outros)	67	18,31%	170	25,72%	53	16,41%	74	18,73%	148	19,84%	2.115	19,44%
Livro	2	0,55%	9	1,36%	3	0,93%	5	1,27%	9	1,21%	114	1,05%
Capítulo de livro	12	3,28%	10	1,51%	5	1,55%	9	2,28%	11	1,47%	210	1,93%
Monografia (mestrado/doutorado)	114	31,15%	164	24,81%	84	26,01%	94	23,80%	210	28,15%	3.184	29,26%
Comunicação - art. completo anais evento	50	13,66%	71	10,74%	30	9,29%	46	11,65%	95	12,73%	1.383	12,71%
Outros	42	11,48%	52	7,87%	36	11,15%	33	8,35%	57	7,64%	835	7,67%
Referências bibliográficas												
Número de entradas	3.389		5.583		3.704		4.516		6.312		108.595	
Referências bibliográficas únicas	2.782		4.334		2.999		3.547		5.232		69.022	
Média de ref. bib. por artigo	24,38		26,84		37,80		28,76		29,63		27,94	
Mediana de ref. bib por artigo	23		23,5		33		27		26		25	
Referências bibliográficas (por tipo)												
Artigo de periódico (campo de turismo)	245	7,23%	450	8,06%	893	24,11%	389	8,61%	769	12,18%	13.394	12,33%
Artigo de periódico (outros)	351	10,36%	853	15,28%	706	19,06%	860	19,04%	1.035	16,40%	19.583	18,03%
Livro	1.437	42,40%	1.681	30,11%	1.035	27,94%	1.804	39,95%	1.979	31,35%	36.576	33,68%
Capítulo de livro	359	10,59%	634	11,36%	208	5,62%	463	10,25%	612	9,70%	9.589	8,83%
Monografia (mestrado/doutorado)	138	4,07%	338	6,05%	161	4,35%	208	4,61%	276	4,37%	4.733	4,36%
Comunicação - art. completo anais evento	100	2,95%	252	4,51%	157	4,24%	144	3,19%	287	4,55%	4.521	4,16%
Outros	759	22,40%	1.375	24,63%	544	14,69%	648	14,35%	1.354	21,45%	20.199	18,60%

Tabela 2: Periódicos brasileiros de turismo – dados básicos por agrupamento (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores

A Tabela 3 traz a lista com os autores com mais alta produção do agrupamento de sustentabilidade, assim como a Tabela 4 apresenta o mesmo tipo de dados para as instituições:

Nome do autor	Agrupamento de sustentabilidade		Campo de turismo no Brasil - 16 periódicos		% do agrupamento sobre o campo
	Posição	Artigos	Posição	Artigos	
Karoliny Diniz Carvalho	1º	6	20º	14	42,86%
Paulo dos Santos Pires	2º	3	16º	17	17,65%
Eurico de Oliveira Santos	2º	3	34º	12	25,00%
Elimar Pinheiro do Nascimento	2º	3	85º	8	37,50%
Humberto Thomé Ortiz	2º	3	176º	5	60,00%
Cristiane Ferraz e Silva Suarez	2º	3	256º	4	75,00%

Tabela 3: Agrupamento de sustentabilidade – autores com mais alta produção (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores

Nome da instituição	Agrupamento de sustentabilidade		Campo de turismo no Brasil - 16 periódicos		% do agrupamento sobre o campo
	Posição	Artigos	Posição	Artigos	
Universidade do Vale do Itajaí	1º	9	2º	219	4,11%
Universidade de Caxias do Sul	1º	9	5º	136	6,62%
Universidade Estadual de Santa Cruz	1º	9	9º	82	10,98%
Universidade de Brasília	1º	9	11º	66	13,64%

Tabela 4: Agrupamento de sustentabilidade – instituições com mais alta produção (1990-2018)
Fonte: Elaborado pelos autores

É possível comparar a participação desses autores e instituições no agrupamento de sustentabilidade com a existente nos 16 periódicos brasileiros de turismo, assim como o quanto da produção do autor ou instituição liga-se a aquele.

A Tabela 5 mostra a distribuição da produção do agrupamento de sustentabilidade e dos 16 periódicos brasileiros de turismo, entre as unidades da federação e grandes regiões do Brasil. Já a Tabela 6 traz os principais países responsáveis pela produção do supracitado agrupamento:

Nome da unidade da federação ou grande região	Agrupamento de sustentabilidade		Campo de turismo no Brasil - 16 periódicos		% do agrupamento sobre o campo
	Posição	Artigos	Posição	Artigos	
São Paulo	1º	29	1º	667	4,35%
Rio Grande do Sul	2º	24	4º	324	7,41%
Santa Catarina	3º	18	2º	379	4,75%
Minas Gerais	4º	15	6º	313	4,79%
Paraná	5º	14	3º	328	4,27%
Bahia	6º	13	8º	157	8,28%
Rio de Janeiro	7º	10	5º	317	3,15%
Rio Grande do Norte	7º	10	7º	221	4,52%
Distrito Federal	7º	10	9º	104	9,62%
Pernambuco	10º	8	12º	90	8,89%
Pará	10º	8	15º	69	11,59%
Mato Grosso do Sul	12º	6	13º	87	6,90%
Sergipe	12º	6	14º	70	8,57%
Mato Grosso	14º	5	22º	24	20,83%
Piauí	15º	4	16º	61	6,56%
Amazonas	15º	4	18º	34	11,76%
Paraíba	17º	3	10º	101	2,97%
Maranhão	17º	3	17º	54	5,56%
Ceará	19º	2	11º	92	2,17%
Goiás	19º	2	19º	32	6,25%
Alagoas	19º	2	20º	31	6,45%
Tocantins	19º	2	21º	25	8,00%
Roraima	19º	2	23º	21	9,52%
Espírito Santo	24º	0	24º	18	0,00%
Rondônia	24º	0	25º	5	0,00%
Acre	24º	0	26º	1	0,00%
Amapá	24º	0	27º	0	Não se aplica
Região Sul	1º	56	2º	1031	5,43%
Região Sudeste	2º	54	1º	1315	4,11%
Região Nordeste	3º	51	3º	877	5,82%
Região Centro-Oeste	4º	23	4º	247	9,31%
Região Norte	5º	16	5º	155	10,32%

Tabela 5: Agrupamento de sustentabilidade – unidades da federação e grandes regiões com mais alta produção (1990-2018)
Fonte: Elaborado pelos autores

Nome do país	Agrupamento de sustentabilidade		Campo de turismo no Brasil - 16 periódicos		% do agrupamento sobre o campo
	Posição	Artigos	Posição	Artigos	
Brasil	1º	174	1º	3147	5,53%
Mexico	2º	12	4º	139	8,63%
Espanha	3º	8	2º	156	5,13%

Tabela 6: Agrupamento de sustentabilidade – países com mais alta produção (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores

A Tabela 7 traz a lista com os 16 periódicos do campo de turismo no Brasil, mostrando, em número de artigos, o quanto cada um deles representa do total de artigos (3.887) e do agrupamento de sustentabilidade, bem como a sobre representação ou a sub-representação daí resultante – nesse último caso, 100% significa que não há nenhuma delas:

Nome do periódico	Agrupamento de sustentabilidade		Campo de turismo no Brasil - 16 periódicos		Representação (sustentabilidade / campo)
	Artigos	Porcentagem	Artigos	Porcentagem	
ABET	12	5,63%	141	3,63%	155,31%
AT	1	0,47%	80	2,06%	22,81%
CEPT	3	1,41%	88	2,26%	62,21%
CVT	29	13,62%	463	11,91%	114,30%
CULTUR	10	4,69%	251	6,46%	72,70%
RAOIT	11	5,16%	189	4,86%	106,21%
RBE	37	17,37%	357	9,18%	189,13%
RBPT	15	7,04%	266	6,84%	102,91%
RTC	10	4,69%	98	2,52%	186,21%
RITUR	4	1,88%	206	5,30%	35,43%
RLAT	2	0,94%	48	1,23%	76,04%
RRV	19	8,92%	311	8,00%	111,49%
RTEP	5	2,35%	117	3,01%	77,99%
RTVA	18	8,45%	438	11,27%	75,00%
TS	10	4,69%	239	6,15%	76,35%
TA	27	12,68%	595	15,31%	82,81%
TOTAL	213	100%	3887	100%	100,00%

Tabela 7: Agrupamento de sustentabilidade – publicação nos 16 periódicos selecionados (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores

Para discutir a estrutura intelectual, são abordados os autores, as obras e as revistas científicas com mais alta frequência, nas referências bibliográficas, e/ou que aparecem nas redes de coocorrência. A Tabela 8 traz o ranking de autores, ao passo que o Gráfico 4 apresenta a rede com todas as coocorrências relevantes:

Nome do autor	Citações (ref. bib.)	Nome do autor	Citações (ref. bib.)
Brasil	282	Marta de Azevedo Irving	28
Organização Mundial do Turismo	82	John Swarbrooke	27
Mario Carlos Beni	63	Luzia Neide M. T. Coriolano	25
Doris van de Meene Ruschmann	43	Ada de Freitas Maneti Dencker	22
Reinaldo Dias	42	Ivan Bursztyn	22
C. Michael Hall	40	J. R. Brent Ritchie	22
Margarita Barretto	34	Stephen Wanhill	22
Ignacy Sachs	33	David Gilbert	21
Alexandre de Gusmão Pedrini	29	John Fletcher	21
Chris Cooper	28		

Tabela 8: Agrupamento de sustentabilidade – autores mais referenciados (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores

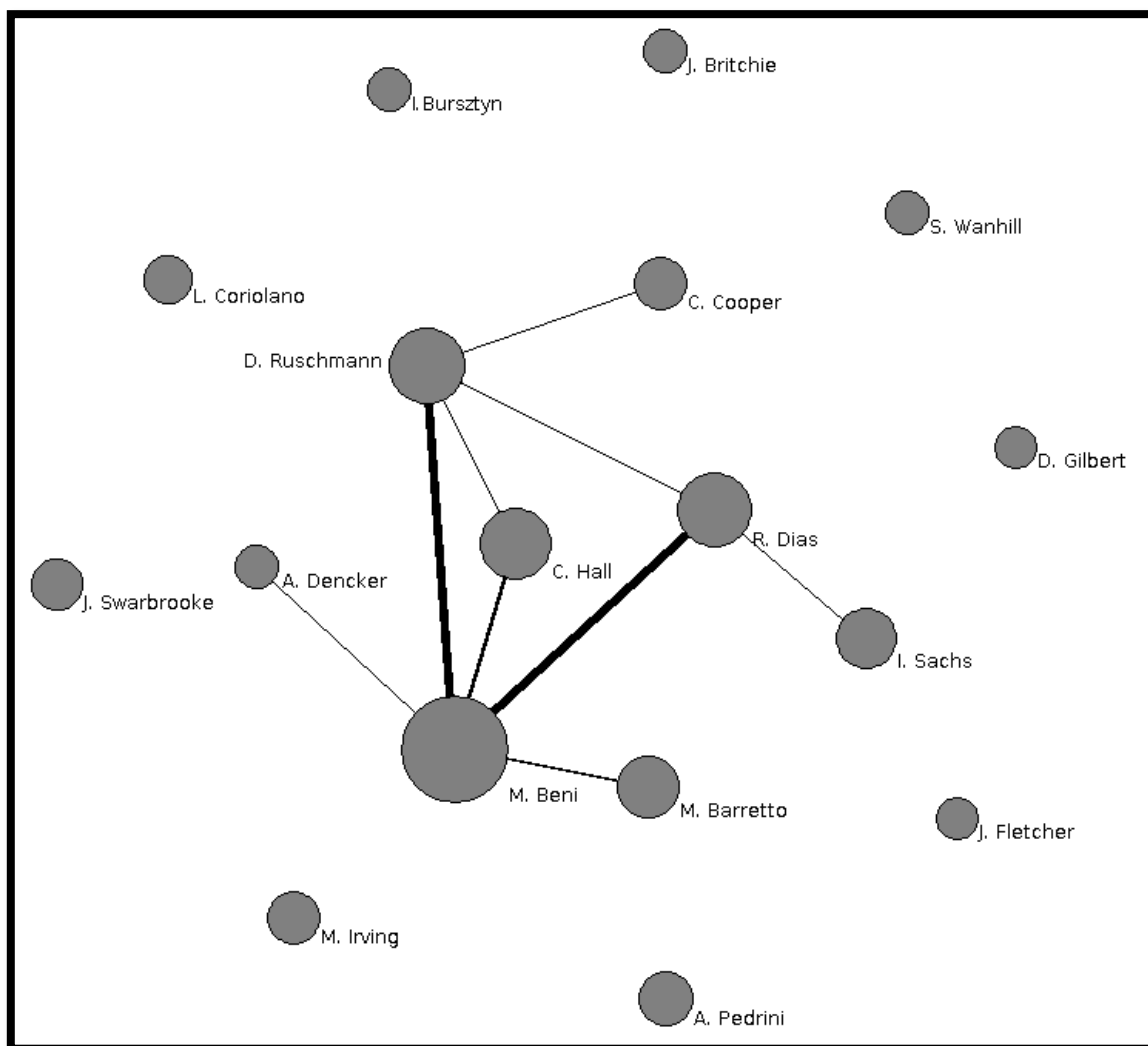


Gráfico 4: Agrupamento de sustentabilidade – rede de coocorrências de autores (referências bibliográficas) (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores

Do Gráfico 4, foram retirados os elementos que representam autores institucionais, no caso “Brasil” e “Organização Mundial do Turismo”.

A Tabela 9 traz as obras mais citadas, ao passo que o Gráfico 5 ressalta as que são mais citadas conjuntamente:

Referência Bibliográfica	Citações (ref. bib.)
Beni (1998)	33
Ruschmann (1994)	28
Nosso Futuro Comum (1987)	22
Cooper et al. (2001)	22
Organização Mundial do Turismo (2001)	22
Dias (2003)	21

Tabela 9: Agrupamento de sustentabilidade – obras mais referenciadas (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores

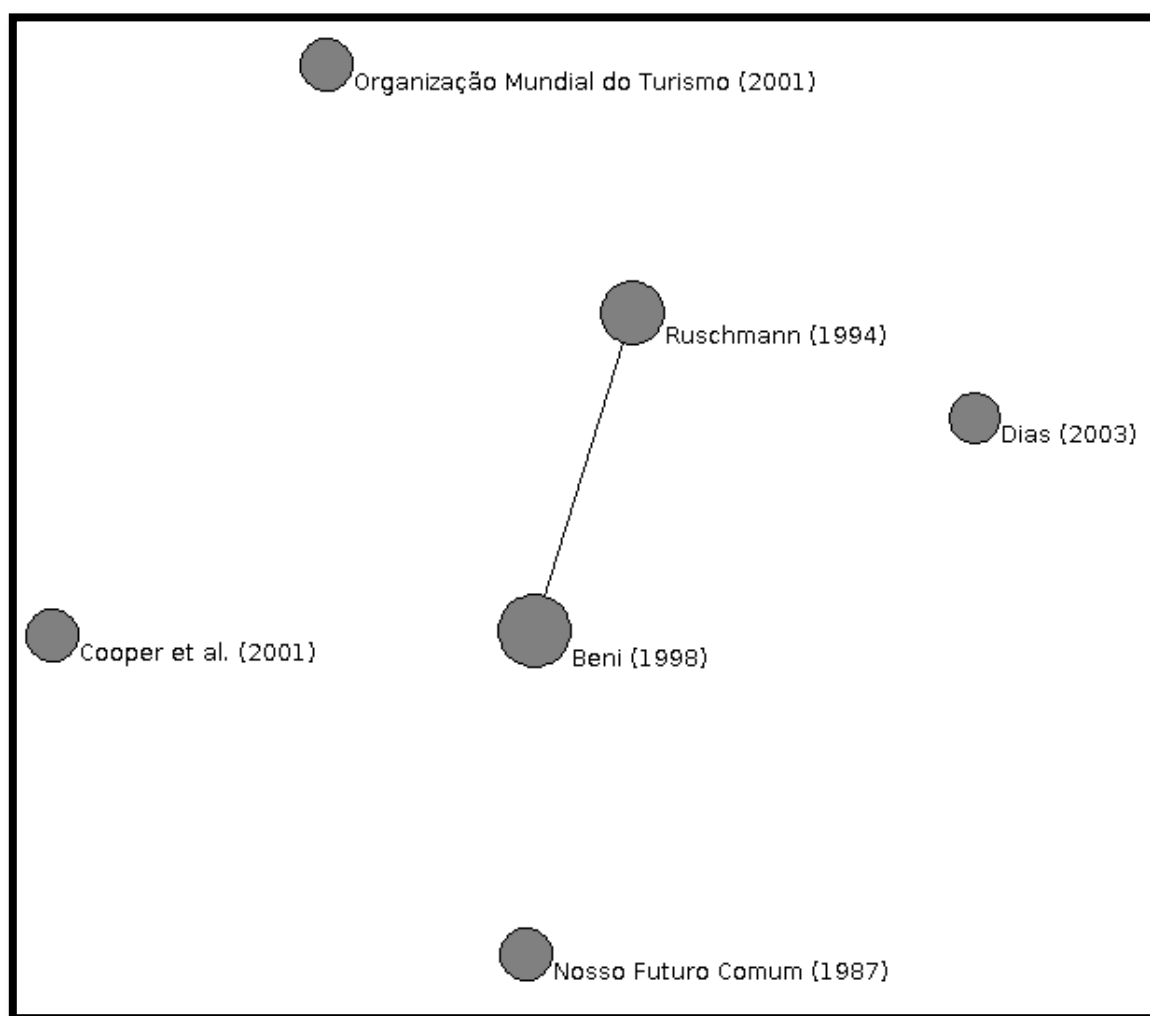


Gráfico 5: Agrupamento de sustentabilidade – rede de coocorrências de obras (referências bibliográficas) (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores

Por fim, a Tabela 10 traz as revistas científicas. Apresentam-se, nesse caso, a frequência de vezes nas quais elas aparecem nas referências bibliográficas, bem como o número de artigos do agrupamento de sustentabilidade nos quais elas aparecem em, pelo menos, uma referência bibliográfica (doravante denominada de “presença”, no

presente artigo). Os periódicos que constam em menos de 10% (arredondamento para baixo) dos artigos, no que concerne a presença, mas que tenham atingido, pelo menos, esse ponto de corte na frequência, aparecem tachados de cinza. Já o Gráfico 6 apresenta a rede de revistas científicas (referências bibliográficas):

Nome do periódico	Presença	Frequência
Caderno Virtual de Turismo	46	81
Tourism Management	42	100
Annals of Tourism Research	35	77
Journal of Sustainable Tourism	31	72
Turismo em Análise	27	39
Estudios y Perspectivas en Turismo	23	28
Revista Turismo - Visão e Ação	23	36
Journal of Travel Research	16	24
Pasos. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural	16	21
Revista Brasileira de Ecoturismo	14	24

Tabela 10: Agrupamento de sustentabilidade – periódicos mais referenciados (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores

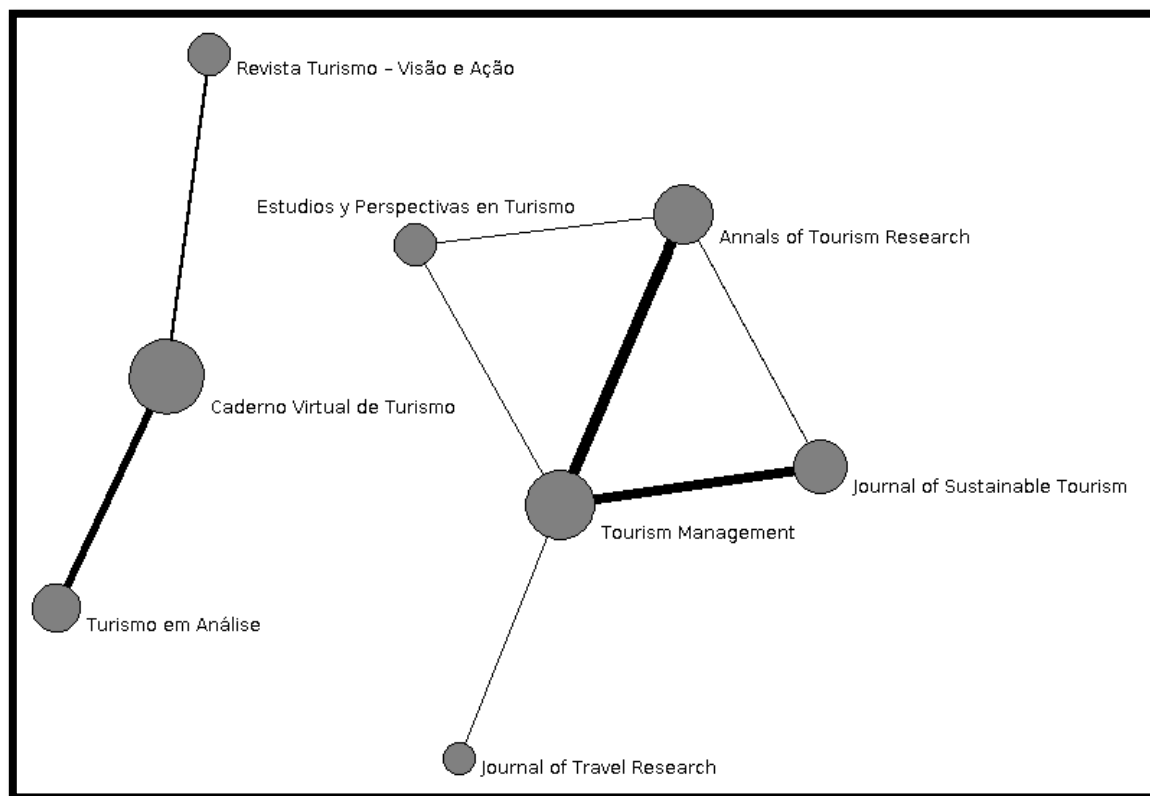


Gráfico 6: Agrupamento de sustentabilidade – rede de coocorrências de periódicos (referências bibliográficas) (1990-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores



Com esse conjunto de resultados, é possível fazer uma análise particularmente rica do agrupamento de sustentabilidade, inclusive de sua posição no campo de turismo no Brasil.

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A Tabela 1 permite que se vislumbre, em síntese, o significativo crescimento e amadurecimento do campo de turismo no Brasil, principalmente no que concerne a autoria e as referências bibliográficas. No caso dessas últimas, a média e a mediana das referências bibliográficas por artigo têm crescimentos de 182,3% e de 257,1%, respectivamente, do período 1990-1999 para 1990-2018.

Houve, também, uma significativa mudança na composição das referências bibliográficas. Em 1990-1999, as dos tipos “Livro” e “Outros” respondiam por mais de 70% do total. No caso de “Outros”, havia muitos trabalhos de conclusão de curso e documentos institucionais. No período 1990-2018, verifica-se uma diminuição da importância de “Outros”, ao passo que os artigos de periódico (de turismo e outros) passaram de 16,53% (1990-1999) para 30,37% (1990-2018).

Avalia-se como amadurecimento do campo de turismo no Brasil não apenas o crescimento dessas média e mediana, mas também o aumento da importância das revistas científicas nas referências bibliográficas.

A discussão dos resultados está subdividida em cinco partes, a saber: a) a trajetória do agrupamento de sustentabilidade, de 1990-1999 a 1990-2018; b) a produção do agrupamento, por autores, instituições, unidades da federação, grandes regiões e países; c) a estrutura intelectual do agrupamento, por meio das referências bibliográficas de seus artigos; d) a distribuição dos artigos do agrupamento entre os 16 periódicos do campo de turismo no Brasil; e e) o impacto do agrupamento de sustentabilidade.

No período 1990-1999, há, apenas, 181 artigos publicados, dos quais cinco não apresentam palavras-chave. A maior parte dos artigos foi publicada na TA; a RTVA foi criada, apenas, em 1998. Dado o número reduzido de artigos, não é de se estranhar que há agrupamentos com poucas palavras-chave, cada um deles, e nenhuma ligação entre si (ausência de arestas externas).

Apesar de a questão da sustentabilidade ter apresentado expressivo crescimento no campo de turismo, como mostram Garrod e Fyall (1998) para a literatura internacional, ao longo dos anos 1990, esse fenômeno não teve a mesma intensidade no Brasil, a julgar pelos periódicos nacionais de turismo. A palavra-chave “sustentabilidade” aparece em apenas quatro artigos, sem apresentar nenhuma aresta.

Outro ponto interessante é que se configura, desde 1990-1999, a separação da temática da sustentabilidade entre dois agrupamentos, a saber: a) o centrado na palavra-chave “sustentabilidade”, que se forma a partir de 1990-2009; e b) o de ecoturismo. Neste caso, o agrupamento forma-se já em 1990-1999, com “ecoturismo”, “desenvolvimento sustentável” e “ecologia”. A proximidade desses dois agrupamentos fica patente em 1990-2018, com a existência de várias arestas externas entre eles.

No período 1990-2009, há a formação de oito agrupamentos, dos quais o centrado na palavra-chave “ecoturismo” conta com o mais alto número de artigos. Não existente em 1990-1999, o de sustentabilidade encontra-se isolado, sem arestas externas, por mais que tenha duas palavras-chave com alta frequência – “planejamento turístico” (28) e “sustentabilidade” (26), além de “competitividade” (11).



Trata-se, também, de um agrupamento pouco denso, com arestas de baixo valor. “Competitividade” e “planejamento turístico” não se ligam entre si, e suas arestas com “sustentabilidade” têm valor igual a três, cada uma. O agrupamento de sustentabilidade tem crescimento vertiginoso nos anos 2010; até o período 1990-2009, ele tem poucos artigos, é pouco denso, e se encontra isolado (ausência de arestas externas).

Por outro lado, no período 1990-2009, o agrupamento de ecoturismo reúne as palavras-chave “desenvolvimento sustentável” (31) e “turismo sustentável” (23), além de várias ligadas à questão ambiental.

O período 1990-2018 reúne 3.887 artigos, provenientes de 16 periódicos brasileiros de turismo. Contudo, há a redução do número de agrupamentos, para apenas cinco, em virtude do desaparecimento de dois e da incorporação de um deles, quando tomamos o período 1990-2009 como padrão de comparação.

No período 1990-2018, o agrupamento de sustentabilidade reúne 213 artigos, tendo ultrapassado o de ecoturismo (208), por mais que a palavra-chave “ecoturismo” (183) tenha mais alta frequência do que “sustentabilidade” (141), o que demonstra a mais alta capilaridade do primeiro agrupamento, assim como, de forma geral, valores mais altos presentes em suas arestas.

O agrupamento de sustentabilidade é o resultado de quatro pontos, a saber: a) o amálgama de dois agrupamentos do período 1990-2009 – políticas públicas e planejamento turístico/sustentabilidade; b) a migração de “competitividade” para o agrupamento de destino turístico; c) a atração de “desenvolvimento local,” que estava no agrupamento de turismo cultural; e d) a incorporação de muitas palavras-chave que estavam isoladas, e que, via de regra, apresentaram expressivo crescimento nos anos 2010, assim como “sustentabilidade”.

A palavra-chave “sustentabilidade” liga-se a outras oito dentro do agrupamento; com quatro palavras-chave, não há ligação. “Turismo rural” (5) e “políticas públicas” (4) são outras palavras-chave com muitas arestas internas. Ou seja, “sustentabilidade” não tem a mesma dominância encontrada para “ecoturismo” dentro de seu agrupamento.

Há três escalões de frequência dentro do agrupamento, a saber: a) primeiro escalão, com “sustentabilidade” (141), “turismo rural” (132) e “políticas públicas” (109); b) segundo escalão, com “desenvolvimento local” (69), “planejamento” (68), “desenvolvimento” (65), “planejamento turístico” (62) e “meios de hospedagem” (51); e c) terceiro escalão, com “desenvolvimento turístico” (38), “gestão ambiental” (28), “desenvolvimento regional” (25), “indicadores” (23) e “agroturismo” (21).

O agrupamento de sustentabilidade é o único que se liga a todos os outros que possuem arestas externas. Ele liga-se com os agrupamentos de ecoturismo (seis arestas externas), de destino turístico (4) e de hospitalidade (3), mas por meio de arestas externas com baixo valor, cuja exceção à regra é aquela que liga “sustentabilidade” a “ecoturismo” (11).

Por fim, é interessante destacar que o agrupamento de sustentabilidade reúne grande quantidade de palavras-chave ligadas ao planejamento, desenvolvimento e gestão, ao passo que a temática ambiental fica presente no agrupamento de ecoturismo. Das palavras-chave não esperadas, destacam-se “meios de hospedagem” e “turismo rural”, cuja presença no agrupamento de sustentabilidade demanda uma análise que vai além da metodologia de pesquisa do presente artigo.

Por meio de Tribe (1997, 2010), verifica-se que, dos 213 artigos do agrupamento de sustentabilidade, 110 (51,64%) são estudos de negócios turísticos, ao passo que 103 (48,36%) são estudos turísticos para além de seus negócios. Para fins de comparação, o



agrupamento de ecoturismo tem apenas 61 (29,33%) estudos de negócios turísticos, ao passo que 147 (70,67%) são estudos turísticos para além de seus negócios.

Dentre os cinco agrupamentos, o de sustentabilidade é o que apresenta a produção mais fragmentada, no nível dos autores e instituições. Dos 433 autores únicos, 380 assinam, apenas, um artigo, sozinhos ou em coautoria. Dentre os seis presentes na Tabela 3, três – Karoliny Diniz Carvalho, Paulo dos Santos Pires e Eurico de Oliveira Santos – estão no primeiro centil (1%) dos autores mais produtivos do campo de turismo no Brasil, ao passo que os demais presentes nessa tabela – Elimar Pinheiro do Nascimento, Humberto Thomé Ortiz e Cristiane Ferraz e Silva Suarez – produzem relativamente pouco, fora do agrupamento. Chama atenção o fato de Karoliny Diniz Carvalho depender muito do agrupamento de sustentabilidade, algo pouco encontrado no grupo de autores mais produtivos do campo de turismo no Brasil. Indicativo disso é que, dos seis autores listados na Tabela 3, o que tem a mais baixa porcentagem de seus artigos dentro desse agrupamento é Paulo dos Santos Pires, que é, também, aquele que ocupa a mais alta posição (16º) no *ranking* de produção (autores) do campo.

Das 165 instituições, 140 assinam até dois artigos, sozinhas ou em coautoria. Todas as presentes na Tabela 4 estão no primeiro centil (1%) das instituições mais produtivas do campo de turismo no Brasil.

Chama particular atenção três ausências da Tabela 4. A Universidade Federal do Paraná (3º - 186 artigos) e a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (4º - 166 artigos) produzem relativamente pouco nesse agrupamento. O caso da Universidade de São Paulo segue na mesma linha, de forma mais acentuada. Sendo a instituição mais produtiva no campo de turismo no Brasil (1º - 251 artigos), ela assina apenas cinco artigos do principal agrupamento do campo, o qual teve expressivo crescimento nos anos 2010. Trata-se de algo que merece ser observado de perto, dado que a instituição pode estar ficando de fora de uma das principais temáticas do campo de turismo no Brasil.

Dentre as instituições presentes na Tabela 4, a Universidade Estadual de Santa Cruz (10,98%) e a Universidade de Brasília (13,64%) são as com mais altas concentrações de produção no agrupamento de sustentabilidade. Os números são particularmente altos, mesmo quando considerados os cinco agrupamentos. Por meio da metodologia de pesquisa, não é possível explicar adequadamente esses dois casos; a pesquisa no sítio eletrônico dessas instituições não iluminou a causa desses números.

A distribuição da produção do agrupamento não difere muito da verificada para o campo de turismo no Brasil, nas unidades da federação e grandes regiões, conforme mostrado na Tabela 5. São Paulo mantém seu primeiro lugar no agrupamento de sustentabilidade, por mais que, individualmente, nenhuma instituição destaque-se. Dentre as grandes regiões, o Norte é a com mais alta porcentagem de sua produção no supracitado agrupamento, o que era esperado, dado que abriga a maior parte da Amazônia Legal, e é constantemente objeto de discussões acerca de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável.

No caso dos países, a distribuição da produção do agrupamento é similar àquela verificada para o campo de turismo no Brasil.

Dos cinco agrupamentos, o de sustentabilidade é o único presente em todos os periódicos brasileiros de turismo. A sobre representação do agrupamento era esperada na RBE, por mais que não na mesma intensidade da verificada no de ecoturismo. Algumas sub-representações podem ser explicadas por meio dos dados dos cinco agrupamentos, como, por exemplo, o caso da RITUR, a qual é muito importante para o agrupamento de turismo cultural.



No caso dos quatro principais periódicos do campo de turismo no Brasil – CVT, RBPT, RTVA e TA –, o agrupamento de sustentabilidade tem leve sobre representação em dois – CVT (114,30%) e RBPT (102,91%) –, ao passo que sub-representação no restante – RTVA (75%) e TA (82,81%).

Por meio da Tabela 2, é possível perceber que, de forma geral, os dados relativos às referências bibliográficas do agrupamento de sustentabilidade são similares aos verificados no campo de turismo no Brasil, tanto na média e mediana de referências por artigo quanto na composição (por tipo) dessas referências. Para o agrupamento, mais da metade das referências proveem de livros e de “Outros”, o que se reflete nos dados presentes nas tabelas 8, 9 e 10 e nos gráficos 4, 5 e 6.

A Tabela 8 e o Gráfico 4 mostram que, dentre os 19 autores mais citados, dois são organização ou governo – Brasil e Organização Mundial do Turismo. Juntos, eles contabilizam 364 referências, número próximo ao verificado para a somatória das referências dos 10 autores imediatamente seguintes (do terceiro ao 12º - 367 referências). Dentre os cinco agrupamentos, apenas o de ecoturismo tem um domínio similar de fontes institucionais dentre os autores mais utilizados (nesse caso, devido, principalmente, a Brasil). A leitura dos dados brutos do agrupamento de sustentabilidade indica que a importância desses dois autores institucionais reside em planos, programas, projetos e relatórios (para ambos) e em peças de legislação (apenas para Brasil).

Para os 17 autores da Tabela 8, retirando-se Brasil e Organização Mundial do Turismo, é possível os dividir em dois grupos. O primeiro é composto por 12 autores, que aparecem, também, dentre os autores mais referenciados em outros agrupamentos e no campo de turismo no Brasil. Sua utilização recai, muitas vezes, em textos de caráter introdutório e/ou didático, que a leitura transversal dos artigos mostra seu emprego para sustentar conceitos básicos e afirmações de cunho geral. Os casos mais ilustrativos disso são Mario Carlos Beni (63) e Reinaldo Dias (42), que estão dentro do grupo de autores mais referenciados no campo como um todo.

O segundo grupo é composto por Ignacy Sachs (33), Alexandre de Gusmão Pedrini (29), John Swarbrooke (27), Marta de Azevedo Irving (28) e Ivan Bursztyrn (22), autores cuja obra é, pelo menos em parte considerável, voltada à sustentabilidade. Dentre o conjunto de autores mais referenciados, eles conseguem se destacar também, no máximo, no agrupamento de ecoturismo. Todos são pouco importantes para o campo como um todo.

Por mais que a Tabela 8 mostre já isso, o Gráfico 4 deixa claro que o agrupamento de sustentabilidade, ao contrário daqueles centrados em hospitalidade e em destino turístico, mas de forma similar ao verificado para os de ecoturismo e de turismo cultural, não possui, ainda, uma estrutura intelectual (autores) consolidada. No centro do Gráfico 4, aparecem oito autores conectados por arestas, as quais indicam utilização conjunta. Desse conjunto, apenas Ignacy Sachs é específico do agrupamento, e sua única ligação é com Reinaldo Dias, por meio de uma aresta com valor igual a dez. As três arestas mais importantes do agrupamento (Beni e Ruschmann; Beni e Hall; Hall e Dias) são também verificadas e relevantes para o campo como um todo.

Os outros quatro autores que estudam a temática da sustentabilidade aparecem na periferia do Gráfico 4; todos estão isolados (ausência de arestas).

A Tabela 9 e o Gráfico 5 reforçam a noção de falta de uma estrutura intelectual bem definida e particular, no agrupamento de sustentabilidade. Das seis referências, cinco são livros, todos de caráter introdutório e/ou didático. O com mais alta frequência no agrupamento é, também, o mais importante no campo de turismo no Brasil – Beni



(1998). Nosso Futuro Comum (1987) é um relatório da Organização das Nações Unidas. Dentre os artigos de periódico, o com mais alta frequência é Irving, Bursztyn, Sancho e Melo (2005), na 26ª posição e frequência igual a sete. O Gráfico 5 mal apresenta algo que possa ser chamado de rede. Há apenas uma aresta, entre Ruschmann (1994) e Beni (1998).

A Tabela 10 e o Gráfico 6 permitem duas leituras interessantes. Primeiro, reforçando o que os autores e as obras já mostram, os periódicos mais importantes estão dentre os principais para o campo de turismo no Brasil, sem exceção à regra, por mais que o Journal of Sustainable Tourism seja relativamente mais importante dentro do agrupamento. Revistas científicas como Ambiente e Sociedade (12), Journal of Cleaner Production (10), OLAM – Ciência e Tecnologia (8), Tourism Geographies (8) e El Periplo Sustentable (7) não são referenciadas por artigos suficientes, para entrar na Tabela 10.

Segundo, ocorre, no Gráfico 6, um fenômeno presente no campo como um todo, só que com mais intensidade, provavelmente devido ao fato de o número de artigos ser mais baixo (213 frente a 3.887). Na rede, há uma separação total entre as revistas nacionais (Caderno Virtual de Turismo, Turismo em Análise e Revista Turismo – Visão e Ação) e os periódicos internacionais (Tourism Management, Annals of Tourism Research, Journal of Sustainable Tourism, Estudios y Perspectivas en Turismo e Journal of Travel Research). Não haver nenhuma aresta entre esses dois grupos indica, por exemplo, que artigos que recorrem a três dos principais periódicos nacionais de turismo podem não ter contato com a literatura internacional, o que é, via de regra, empobrecedor.

Como mostra a Tabela 2, o agrupamento de sustentabilidade tem a mais alta média de citações por artigo dentre os cinco, com um número 25% mais alto do que o presente para o campo (3,50 frente a 2,80). Isso ocorre, mesmo que a mediana de citações por artigo seja igual à presente no campo (1), e que a porcentagem de artigos sem nenhuma citação seja levemente mais alta (44,60% frente a 42,14%).

Uma possível explicação para isso é que o agrupamento de sustentabilidade possui a mais alta quantidade (seis) de entradas no conjunto dos 70 artigos com mais citações no campo, frente aos de ecoturismo (quatro), hospitalidade (um), destino turístico (três) e turismo cultural (dois). Para a delimitação desse conjunto, foi selecionado o primeiro centil (1%) dos artigos com mais impacto, para todas as citações reais e para as citações reais, de acordo com cada tipo de quem cita (artigo de periódico, livro, monografia [dissertação de mestrado e tese de doutorado] etc.). Para o agrupamento de sustentabilidade, quatro artigos estão no primeiro centil das citações reais totais, ao passo que outros dois entram na lista, mas apenas pelo destaque dentro de determinado tipo. Mesmo se levando em conta o número de artigos de cada agrupamento, o de sustentabilidade destaca-se. Nesse conjunto de seis artigos, destacam-se os que trabalham a sustentabilidade conjuntamente com planejamento e desenvolvimento, a exemplo de Irving *et al.* (2005), Castrillón, Canto, Cantorna e Cerradelo (2011) e Beni (1999). Os demais são Araújo (2008), Pires (1998) e Candiottio (2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre os cinco existentes no período 1990-2018, o agrupamento de sustentabilidade é o primeiro em número de artigos (213 de 3.887 – 5,48% do total). Trata-se de um agrupamento que, ao contrário dos outros quatro, tomou sua configuração atual, quase que inteiramente, nos anos 2010, quando várias de suas



palavras-chave tiveram expressivo crescimento, inclusive a sua principal (“sustentabilidade”).

O agrupamento de sustentabilidade é delimitado, e congrega um conjunto de palavras-chave “esperadas”, mas parece haver alta permeabilidade com o de ecoturismo, pela proximidade dos temas tratados – há seis arestas externas que ligam palavras-chave desses agrupamentos. O caso mais emblemático dessa permeabilidade é a aresta (com valor igual a sete) que liga “turismo sustentável” (agrupamento de ecoturismo) a “sustentabilidade”. Dado que se toma como objeto de estudo 16 periódicos brasileiros de turismo, essas duas palavras-chave são muito próximas, e, em alguns artigos, podem acabar por ter o mesmo fim.

Por meio da leitura transversal de seus 213 artigos, percebe-se que a “sustentabilidade” é um termo polissêmico, e que, dentro do campo de turismo no Brasil, é abordada por meio de uma série de ciências, disciplinas e campos de conhecimento. Contudo, há certa predominância de estudos de planejamento, gestão e desenvolvimento, como apontam as palavras-chave. Isso é verificado na predominância de artigos ligados a negócios turísticos (110 dos 213 – 51,64% do total), notadamente na comparação com o agrupamento de ecoturismo, o qual possui, apenas, 61 artigos ligados a negócios turísticos (29,33% do total).

Na autoria, a principal característica do agrupamento é a fragmentação. Destaca-se a ausência da Universidade de São Paulo, a mais produtiva do campo. No caso das unidades da federação, grandes regiões e países, o agrupamento tem a distribuição de sua produção similar à encontrada para o campo.

Por fim, cumpre abordar três pontos. Em primeiro lugar, há duas palavras-chave que não eram esperadas no agrupamento de sustentabilidade, a saber: a) “turismo rural” (e, conseqüentemente, “agroturismo”); e b) “meios de hospedagem”. No primeiro caso, trata-se de uma palavra-chave com expressivo crescimento nos anos 2010, e que se liga ao agrupamento por meio de várias palavras-chave. A julgar pelos resultados de Garrigos-Simon *et al.* (2018), essa é uma particularidade brasileira, não sendo tão importante a ligação entre turismo rural e sustentabilidade na literatura internacional. No caso de “meios de hospedagem”, esperava-se sua presença no agrupamento de hospitalidade. Sua inclusão no de sustentabilidade liga-se, única e exclusivamente, a aresta com “gestão ambiental”.

Em segundo lugar, cumpre destacar que o agrupamento não apresenta uma estrutura intelectual particular e bem definida, para além de autores, obras e periódicos proeminentes no campo como um todo. Isso não significa que se trata de um agrupamento sem consistência teórica nem sequer conceitual. Recebendo artigos de autores com formação acadêmica diversa, e a lidar com um termo polissêmico, pode ser que o agrupamento tenha, em suas referências bibliográficas, parcela considerável de entradas relacionadas à sustentabilidade, mas que, individualmente, nenhuma se destaca.

Em terceiro lugar, a principal limitação do presente artigo é ter se baseado, para a criação e delimitação dos agrupamentos, nas palavras-chave dos 3.887 artigos dos 16 periódicos brasileiros de turismo. Dado que os próprios autores escolhem suas palavras-chave, por mais que elas possam ser mudadas, conforme sugestões emitidas pelos pareceristas, não há nenhuma garantia de que elas sempre retratem, fidedignamente, o conteúdo do artigo em questão. Além disso, o Tesouro Brasileiro de Turismo é de publicação recente, e sua aplicação obrigatória não atinge todos os periódicos brasileiros de turismo. Outra limitação reside no próprio objeto de estudo; a produção



científica em turismo no Brasil vai muito além dos 3.887 artigos publicados nos 16 periódicos selecionados.

REFERÊNCIAS

Araújo, L. M. (2008). Análise de stakeholders para o turismo sustentável. *Caderno Virtual de Turismo*, 8(1), 91-99. Recuperado em 22 out. 2021, de <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/260>

Benckendorff, P. (2009). Themes and trends in Australian and New Zealand tourism research: a social network analysis of citations in two leading journals (1994-2007). *Journal of Hospitality and Tourism Management*, 16, 1-15. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1447677000000425>

Benckendorff, P., & Zehrer, A. (2013). A network analysis of tourism research. *Annals of Tourism Research*, 43, 121-149. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738313000662>

Beni, M. C. (1998). *Análise estrutural do turismo*. São Paulo: Senac.

Beni, M. C. (1999). Política e estratégia do desenvolvimento regional: planejamento integrado e sustentável do turismo. *Turismo em Análise*, 10(1), 7-17. Recuperado em 22 out. 2021, de <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63455>

Candiotto, L. Z. P. (2010). Elementos para o debate acerca do conceito de turismo rural. *Turismo em Análise*, 21(1), 3-24. Recuperado em 22 out. 2021, de <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/14203>

Castrillón, I. D., Canto, A. G., Cantorna, A. S., & Cerradelo, L. B. (2011). Análisis de los principales modelos explicativos de la competitividad de los destinos turísticos en el marco de la sostenibilidad. *CULTUR – Revista de Cultura e Turismo*, 5(2), 101-124. Recuperado em 22 out. 2021, de <http://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/383>

Cooper, C., Fletcher, J., Wanhill, S., Gilbert, D., & Shepherd, R. (2001). *Turismo, princípios e prática*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman.

Dias, R. (2003). *Turismo sustentável e meio ambiente*. São Paulo: Atlas.

Garrigos-Simon, F. J., Narangajavana-Kaosiri, Y., & Lengua-Lengua, I. (2018). Tourism and sustainability: a bibliometric and visualization analysis. *Sustainability*, 10, 1-23. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.mdpi.com/2071-1050/10/6/1976>

Garrod, B., & Fyall, A. (1998). Beyond the rhetoric of sustainable tourism? *Tourism Management*, 19(3), 199-212. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517798000132>



Grauwin, S., & Jensen, P. (2011). Mapping scientific institutions. *Scientometrics*, 89, 943. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://link.springer.com/article/10.1007/s11192-011-0482-y>

Hall, C. M. (2011). Publish and perish? Bibliometric analysis, journal ranking and the assessment of research quality in tourism. *Tourism Management*, 32(1), 16-27. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517710001469>

Irving, M. A., Bursztyn, I., Sancho, A., & Melo, G. M. (2005). Revisitando significados em sustentabilidade no planejamento turístico. *Caderno Virtual de Turismo*, 5(4), 1-7. Recuperado em 22 out. 2021, de <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/98>

Jamal, T., Smith, B., & Watson, E. (2008). Ranking, rating and scoring of tourism journals: interdisciplinary challenges and innovations. *Tourism Management*, 29(1), 66-78. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://isiarticles.com/bundles/Article/pre/pdf/15604.pdf>

Jogaratnam, G., Chon, K., McCleary, K., Mena, M., & Yoo, J. (2005). An analysis of institutional contributions to three major academic tourism journals: 1992-2001. *Tourism Management*, 26, 641-648. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517704001116>

Kessler, M. M. (1963). Bibliographic coupling between scientific papers. *American Documentation*, 14(1), 10-25. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/asi.5090140103>

Kirilenko, A. P., & Stepchenkova, S. (2018). Tourism research from its inception to present day: subject area, geography, and gender distributions. *PLoS ONE*, 13(11): e0206820. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0206820>

Koc, E., & Boz, H. (2014). Triangulation in tourism research: a bibliometric study of top three tourism journals. *Tourism Management Perspectives*, 12, 9-14. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2211973614000312>

Koseoglu, M. A., Rahimi, R., Okumus, F., & Liu, J. (2016). Bibliometrics studies in tourism. *Annals of Tourism Research*, 61, 180-198. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S016073831630144X>

Law, R., & Veen, R. (2008). The popularity of prestigious hospitality journals: a Google Scholar approach. *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 20(2), 113-125. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/09596110810852113/full/html>



Law, R., Ye, Q., Chen, W., & Leung, R. (2009). An analysis of the most influential articles published in tourism journals from 2000 to 2007: a Google Scholar approach. *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 26, 735-746. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10548400903284628>

Leta, J., & Lewison, G. (2003). The contribution of women in Brazilian science: a case study in astronomy, immunology and oceanography. *Scientometrics*, 57, 339-353. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://link.springer.com/article/10.1023/A%3A1025000600840>

McKercher, B. (2005). A case for ranking tourism journals. *Tourism Management*, 26(5), 649-651. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S026151770400113X>

McKercher, B. (2008). A citation analysis of tourism scholars. *Tourism Management*, 29(6), 1.226-1.232. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517708000496>

McKercher, B., Law, R., & Lam, T. (2006). Rating tourism and hospitality journals. *Tourism Management*, 27(6), 1.235-1.252. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517705000841>

Miranda, E. C. P., & Rejowski, M. (2013). Turismo e hospitalidade no cenário da comunicação científica: avaliação de periódicos científicos eletrônicos. *Revista Rosa dos Ventos*, 5(4), 559-576. Recuperado em 22 out. 2021, de <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2189>

Moreno-Gil, S., Parra-López, E., Picazo-Peral, P., & Díaz-Domínguez, C. (2020). The dissemination of tourism scientific research in Latin American journals. A bibliometric study. *Anatolia*, 31(4), 549-564. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13032917.2020.1795892>

Mulet-Forteza, C., Genovart-Balaguer, J., Mauleon-Mendez, E., & Merigó, J. M. (2019). A bibliometric research in the tourism, leisure and hospitality fields. *Journal of Business Research*, 101, 819-827. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0148296318306131>

Nosso Futuro Comum. (1987). Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento.

Organização Mundial do Turismo. (2001). *Introdução ao turismo*. São Paulo: Roca.

Otte, E., & Rousseau, R. (2002). Social network analysis: a powerful strategy, also for the information sciences. *Journal of Information Science*, 28(6), 441-453. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/016555150202800601>

PIRES, P. S. (1998). A dimensão conceitual do ecoturismo. *Revista Turismo – Visão e Ação*, 1(1), 75-91. Recuperado em 22 out. 2021, de <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1392>



Racherla, P., & Hu, C. (2010). A social network perspective of tourism research collaborations. *Annals of Tourism Research*, 37(4), 1.012–1.034. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738310000411>

Ruschmann, D. M. (1997). *Turismo e planejamento sustentável*. Campinas: Papirus.

Strandberg, C., Nath, A., Hemmatdar, H., & Jahwash, M. (2018). Tourism research in the new millennium: a bibliometric review of literature in Tourism and Hospitality Research. *Tourism and Hospitality Research*, 18(3), 269-285. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1467358416642010>

Tribe, J. (1997). The indiscipline of tourism. *Annals of Tourism Research*, 24(3), 638–657. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738397000200>

Tribe, J. (2010). Tribes, territories and networks in the tourism academy. *Annals of Tourism Research*, 37(1), 7–33. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0160738309000668>

Ye, Q., Li, T., & Law, R. (2013). A coauthorship network analysis of tourism and hospitality research collaboration. *Journal of Hospitality & Tourism Research*, 37(1), 51-76. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1096348011425500>

Zhao, W., & Ritchie, J. R. B. (2007). An investigation of academic leadership in tourism research: 1985–2004. *Tourism Management*, 28(2), 476–490. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0261517706000501>

Weiner, G. (2001). The academic journal: has it a future? *Education Policy Analysis Archives*, 9, 1-19. Retrieved Oct. 21, 2021, from <https://epaa.asu.edu/ojs/index.php/epaa/article/view/338>